

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 2

Título: "O TELEFONEIA"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): GOUTINHO, CARLOS

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: 18/11/1975

Data de Emissão: 24/11/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
JOSEFINA SILVA	A VELHA
RUI FURTADO	O VELHO
RUI IYENDÊS	O FILHO

Estado de conservação: Bom

Razoável

Mau

Tipo de Suporte:

Original  Cópia

Registo Sonoro: Sim  Não

Nº do Registo Sonoro:

*R. Lopes*

(V.S.F.F.)



**Notas:**

- DIA ARTÍSTICA - CANTO E GASTRO

**Indexação:** - TEATRO RADIOFÔNICO

**SERVICOS CRIATIVOS**

PROGRAMA N.º

PROGRAMA 1.º

DATA DE ENT. 2 1 1 18

24 1 11 15

PEDIDO DE GRAVAÇÃO

15. 15 HORAS

A GRAVAR EM 18.1. 11 15

VISTO

HORA 9, 15.



NÚMERO DO PEDIDO  
DE GRAVAÇÃO

*Arca  
s marginal*

O TELEFONEMA

de

Carlos Coutinho

Personagens

O velho

A velha *Joazeira Silva*

O filho



- VELHA - Escusas de deitar água na fervura. Quando me picam, sinto-me e só me passa, quando eu quero. Maldita sorte a minha... Nem numa noite como esta...
- VELHO - Que é que eu te fiz?
- VELHA - Nada.
- VELHO - Então, se não foi nada, passemos à frente.
- VELHA - Há mais de vinte anos que eu carrego a vida a passar à frente. - passar à frente, a passar à frente
- VELHO - Ó filha, se eu abrisse o livro, tinha muito que contar. É melhor mudar-mos de assunto.
- VELHA - Cada um inventa o livro, como lhe dá mais jeito...
- VELHO - Sabes o que é que me dava jeito agora?
- VELHA - Não sei, nem me interessa
- VELHO - É pena.
- VELHA - Sim?
- VELHO - Sim, sim. O que me dava jeito agora era que não arranjasses motivos fúteis para zaragatear. Ela entra aí dum momento para o outro e não tem piada nenhuma que nos encontre engalfinhados.
- VELHA - Eu não arranjei nenhum motivo fútil, Tenho um pressentimento. É o o que é. Ando há mais de duas horas a remoê-lo e a escondê-lo, para não chegarmos a isto. Queres maior infelicidade do que est
- VELHO - Ah, isso para a ti é que é a infelicidade... Pensava que havia coisas mais graves...
- VELHA - Se é para me baralhares que dizes isso, enganas-te. Ninguém me enrola com tanta facilidade.
- VELHO - Eu não quero enrolar-te, nem preciso disso para nada. O que me preocupa agora são as crianças e a mãe. Vê lá se me deixas um bocadinho em paz.

SILÊNCIO

- VELHA - Conta-me outra vez como foi o telefonema. Quero ter a certeza de que os meus netinhos se vão salvar.
- VELHO - Está bem... Eu vou contar outra vez. O nosso filho foi preso. Mas Não é um criminoso! Nada de confusões! É um homem que luta pelo seu ideal, como o teu pai lutou na República e até eu, quando era mais novo. Percebeste?
- VELHA - Percebi, percebi. Passa adiante.
- VELHO - A casa onde o nosso filho vivia foi assaltada. A nossa nora conseguiu escapar com as crianças, mas não tem para onde ir. Procuram-na por todo o lado. Sozinha, em qualquer buraco se esconde. Mas, com as crianças é muito mais difícil e os meninos não podem andar por aí à chuva e ao frio, a fugir com a mãe. Já viste a noite que está? Caramba, é tão difícil perceber?
- VELHA - Mas porque é que ela não manda alguém cá trazer as crianças?
- VELHO - Se os bufo<sup>s</sup> cá estivessem, quem viesse trazer os meninos era preso por cumplicidade. Também é claro como água. Ou não é? E qual é a mãe que entrega duas crianças a um estranho e não provoca desconfianças? Vai alguma distância da desconfiança à denúncia?
- VELHA - Está visto que só a nossa nora é que pode vir aqui
- VELHO - Finalmente...
- VELHA - Deixa-te de me falares com esses ares superiores! Com quem pensas tu que estás a lidar?
- VELHO - Pronto. Quer fazer a cena do costume? Grita para aí à tua vontade. Mas não te admires, se eu não te responder. A partir deste momento, deixei de te ouvir.
- VELHA - Tu nunca me ouviste em todos estes anos!
- VELHO - É mentira!
- VELHA - É verdade! Nunca ligaste à minha opinião! Nunca me deixastes acabar de falar! Tens a prova disso há menos de um minuto. Ia

falar-te duma coisa muito grave. <sup>E</sup> tu cortaste-me logo a palavra. Como ~~que~~<sup>se</sup> eu fosse uma idiota! Como ~~que~~<sup>se</sup> eu não soubesse dizer senão asneiras!

VELHO - Algum dia te cortei a palavra?

VELHA - Todos os dias!

VELHO - É mentira!

VELHA - <sup>M</sup>entira... Ainda há <sup>hincos</sup> bocado ia dizer-te que tenho um pressentimento e tu cortaste logo, com aquela falta de respeito que sempre tiveste por mim: só faltava isso... Que é que só faltava? Diz! Diz lá o que faltava! Pois ficas a saber que é horrível o pressentimento que eu tenho. Ando amarfanhada com ele há mais de duas horas. Há mais de duas horas que evito de to dizer, porque já calculava que havias de me falar assim. Afinal, encho-me de coragem, acredito que uma vez na vida vais ser correcto para comigo e o resultado é este. Maldita sorte a minha...

Limpa as lágrimas . Silêncio

VELHO - Desculpa lá. Estamos ambos com os nervos esfrangalhados.

Silêncio

VELHA - (voltando à janela) - Que horas eram quando ela telefonou?

VELHO - Já passava muito da uma hora. Talvez hora e meia.

VELHA - A vizinha será de confiança?

VELHA - Boa pessoa sempre me pareceu. Estamos no mesmo prédio e no mesmo andar há mais de trinta anos e nunca tivemos a menor atrito. Pelo contrário. Até se tem mostrado prestável muitas vezes. Mas nos tempos que correm, como é que se pode saber quem é de confiança e quem não é? Dentro da própria família, às vezes há cada surpresa...

VELHA - Que raio de ideia telefonou para a vizinha, sabendo que nós temos telefone...

- VELHO - <sup>Baranuba!</sup> ~~Camarada~~ Quantas vezes é preciso explicar-te?
- VELHA - Se eles escutam os telefones, tanto escutam o nosso como o da vizinha. Além disso, há estudantes lá em casa.
- VELHO - Não vêes que é impossível escutar os telefones todos? Não vêes que a rapariga não tinha outra solução? De nós somos da família, ficamos logo debaixo de olho. A vizinha ficará ou não. Mas, em princípio, não há razão nenhuma para ficar. E a rapariga tinha de tomar uma decisão urgente.
- VELHA - O telefone da vizinha é escutado de certeza. Onde há estudantes, eles escutam sempre.
- VELHO - Parece-te. Não deve ser assim. Há muitos estudantes que não se metem em política.
- VELHA - Não digas essa palavra!
- SILÊNCIO
- VELHO - Olha, a ideia que eu tenho é que eles não escutam metade dos telefones do país. Era preciso que metade da população fosse polícia. E isso é impossível. Este povo ainda não está podre! Não. Eles só põem sob escuta os suspeitos, os declarados e mais uns tantos à sorte, para ver se cai algum na rede por acaso. Era preciso muito azar para que logo hoje o telefone da vizinha estivesse vigiado por acaso.
- VELHA - Sei lá... O diabo tece-as. Há quase três horas que ela telefonou.. É numa noite destas... Ter de trazer duas crianças <sup>com</sup> numa noite de tempestade como esta... Não... Se ela tivesse de vir, já tinha vindo!
- VELHO - Ó mulher, nem a brincar t'ponhas com esses agoiros!
- VELHA - Parece que me estala o coração.

- VELHO - Tem calma, tem calma. Vais ver que, dum momento para o outro, o telefone volta a tocar.
- VELHA - Ainda te lembras bem do combinado?  
*beulho beulho*
- VELHO - Talvez fosse melhor treinarmos outra vez.
- VELHO - Está bem. Treinamos outra vez.
- VELHA - Olha lá, se eles escutarem, querem saber quem é que sofre do joelho.
- VELHO - Tu não sabes que a minha irmã sofre do joelho direito., desde pequenina?
- VELHA - Sei muito bem. Mas eles hão-de ir perguntar-lhe porque resolveu telefonar-nos a esta hora.
- VELHO - Ela já combinou o truque com a minha irmã.
- VELHA - Truque?
- VELHO - Truque, sim, truque. A minha irmã, se for preciso, dirá que lhe telefonaram aquela hora e que, mesmo no momento em que ia atender, o telefone deixou de tocar. Pensou então que só poderíamos ser nós e decidiu-se a telefonar-nos, pois poderia ser qualquer coisa grave. Doutro modo não dormia descansada.
- VELHA - Sim, senhor. Bem pensado. Mas há uma coisa que não bate certo. Se eles controlarem, vêem logo que o telefonema não vem de casa da tua irmã.
- VELHO - Isso também eu lhe perguntei, mas ela tranquilizou-me logo. Parece que essa operação demora alguns minutos. Se o telefone for rápido, eles ficam a ver navios...
- VELHA - Como ela sabe essas coisas...
- VELHO - Quem se mete nessa vida deve com certeza aprender muitas coisas.

- VELHA - Vamos, então, treinar outra vez?
- VELHO - Vamos lá' começa.
- VELHA - (Imitando falar ao telefone) - Está? Está lá?
- VELHO - (Idem) - Está. Quem falava?
- VELHA - Quem querias tu que fosse, marinho?
- VELHO - És tu? Aconteceu alguma coisa?
- VELHA - Não. Tudo fixe por aí?
- VELHO - Tudo fixe.
- VELHA - Telefonaste para cá?
- VELHO - Eu não.
- VELHA - Tu não? Quem seria, então?
- VELHO - Como queres que eu adivinhe?
- VELHA - Pronto. Vai dormir. Desculpa acordar-te a esta hora.
- VELHO - Deixa lá isso. Como vai o teu joelho? (COMO QUEM POISA TELEFONE)  
Pronto. O sinal é este: Como vai o teu joelho? Assim ela sabe que eles estão cá e não se deixa agarrar.
- VELHA - Não te parece que se fala demais?
- VELHO - Tem de ser assim. Tem de parecer natural. Eles têm uma grande experiência destas coisas. À menor palavra fora de tom, descobrem logo que há truque.
- VELHA - E se a gente treinasse outra vez?
- VELHO - Não. Isto já sai bem. Agora, quanto mais treinarmos, mais nos enrascamos.
- SILÊNCIO
- VELHA - Daqui a pouco são cinco horas.
- VELHO - ~~Caramba!~~ Ainda agora deram as quatro...
- VELHA - Já deram as quatro há mais de um século. Pareces de gelo. Fazes-me nervos. Não tens amor por ninguém.

VELHO - Queres outra vez fazer guerra? Tem vergonha mulher, Ainda acabas por acordar os vizinhos e chamar a atenção para o que vai acontecer aqui, Caramba parece que gostas de ser denunciante,...

VELHA - Denunciante, eu? Tens cara para me chamar uma coisa dessas?

VELHO - Quem faz um barulho destes, a esta hora, o que é senão isso? Quer queiras quer não, é esse o papel que estás a fazer,

VELHA - Patife! Há quantos anos me odeias? Meus filhos, meus filhos, se eu tivesse um filho... (Limpa as lágrimas) Nunca mais houve uma luzinha de felicidade nesta casa. Porque é que eu não morri também?

SILÊNCIO

VELHO - Vai para a cama. Lembra-te do teu reumatismo.

VELHA - Não vou!

(Ouve-se a campainha da porta, Entroolham-se, assustam-se, abraçam-se. A velha faz finalmente à janela. A campainha insiste.)

VELHO - Vou ver quem é, É melhor.

VELHA - Eu vou contigo!

VELHO - Assim?

VELHA - Porque não? Nem que estivesse nua,

MUTAÇÃO

Estamos agora na pequena sala de estar.

O velho abre a porta. A velha está armada com uma tesoura. É o filho quem entra.

VELHO - És tu?

FILHO - Aconteceu alguma coisa?

VELHO - Não, Que é que podia acontecer?

Mas a que se deve esta visita?

FILHO - Passei aqui por mero acaso.  
MJ/

Vi a luz acesa e fiquei preocupada.

VELHO - *não queres tomar nada?*  
~~Queres tomar alguma coisa?~~

FILHO - O que é que há?

VELHO - O que sempre houve, filho. Uma aguardentesita. Um vinhito do Porto.  
Isto não é casa de ricos.

VELHA - Vinhas a pé?

FILHO - Não, Porquê?

VELHA - Tens o impermeável todo encharcado.

FILHO - Olhe, foi só o tempo de correr do carro até à porta. Que grande  
chuvada....

VELHA - Tem graça, Quando tocaste a campainha, a chuva tinha parado. Olha,  
reparei nisso e já nem me lembro porquê.

FILHO - Talvez, talvez. Por acaso, não subí logo. Ia também a entrar o vizi-  
nho do rés-do-chão e, como não nos viamos há muito tempo, ficámos  
ambos a conversar um pouco.

VELHO - A esta hora? Que vizinho?

FILHO - O Snr. Antunes.

VELHO - ~~Oh, diabo!~~ O homem morreu há três meses. Não te ponhas com brinca-  
deiras dessas. Nunca gostei de falar em mortos. Olha, se queres  
tomar alguma coisa, é melhor tirares o impermeável, que estás a  
pingar a sala toda e a pobre da tua mãe é que tem de limpar tudo  
amanhã.

VELHA - É melhor, é melhor, filho. Com esta idade e com o meu reumatismo, quanto menos vezes tiver de me baixar, melhor. Despe lá isso e põe-te à tua vontade.

FILHO - Então eu sacudo-me na escada. Está um frio lixado e eu sempre fui muito friorento. O impermeável sempre aquece um bocadinho.

SAI

VELHO - E esta, hem?

VELHA - Há anos que eu não sei o emprego que este nosso filho tem. Mas sei que ele vive com bom dinheiro. Cá está outro pressentimento de que tu nunca me deixaste desabafar.

VELHO - Por amor de Deus, agora não!

VELHA - Em que andaré ele metido?

VELHO - Quase tenho a certeza. Mas até estremeço ao pensar nisso.

FILHO - (Regressando) Bem, se não se importam, vou matar saudades.

VELHA - Matar saudades?

FILHO - (artificial) Sim. Vou rever estes cantinhos humildes onde nasci e cresci. A mãe acredita que a gente, quando está muito tempo sem ver a casa da nossa infância, até das coisas insignificantes se lembra com ternura?

VELHA - Talvez.

FILHO - Posso ver?

VELHA - Vê, vê. Porque não?

(O filho sai para os quartos)

VELHO - É esquisito. Nunca fez isto...

O velho e a velha olham-se e seguem atentamente com o ouvido todos os movimentos do filho. Barulho discreto de móveis a ser arrastados.

VELHA - Perdeste alguma coisa, filho?

VOZ DO FILHO - Caiu-me o isqueiro para baixo da cama. Oh, cá está. Já o encontrei!

O velho e a velha continuam a seguir o barulho dos passos a seguir o barulho dos passos da revista.

VELHA - (Após um silêncio curto) Isto é muito estranho. Não aguento mais.

VELHO - Tem calma. Deixa ver onde isto vai parar.

NOVOS ruídos de móveis a ser arrastados. A velha vai gritar, mas o velho tapa-lhe a boca.

FILHO - (regressando) Mas, então, ainda a pé, a esta hora?

VELHA - É verdade. Já não me chegava o reumatismo. Agora são as unhas dos pés. Deitei-me à hora do costume, convencida de que ia adormecer e de que a dor me passava com o descanso do corpo. Sempre à espera que o sono viesse, sempre à espera que o sono viesse... e nada. E as dores a tornarem-se maiores. Olha, tive mesmo de me levantar.

- Pus o teu pai a fazer de airurgiãõ e, felizmente, já estou ~~aliviada~~. Tinha <sup>uma</sup> unha encravada, há uma data de tempo.
- VELHO - Foi um trabalhão que nem queiras saber. Mas consegui. E não te fiz doer, pois não?
- VELHA - Só um bocadinho. Mas tens mãos de artistas. Nuncz imaginei.
- FILHO - (Para o velho) E foi com a tesoura que fez a operação?
- VELHO - Com a tesoura?
- FILHO - Quando entrei, a mãe estava com a tesoura na mão.
- VELHA - A tesoura foi só para cortar um bocadinho da unha que estava mais difícil.
- FILHO - E foi a mãe que cortou?
- VELHA - Que ideia! Foi o teu pai.
- FILHO - Mas a mãe é que estava ~~a~~ com a tesoura na mão...
- VELHA - Não sabes como é o teu pai? Nunca sabe onde há-de arrumar as coisas. Eu é que tenho sempre de por tudo no sítio. (para o velho)  
Arranja uma bebida para o teu filho.
- VELHO - (Sentando-se num sofá) Era o que faltava... Então ele não sabe onde as coisas estiveram sempre? Olha, até pode ser uma maneira de ele matar saudades, que, há pouco, não foi ver o castinho das garrafas.
- FILHO - Claro, claro. Eu vou servir-me. Estejam à vontade.  
Tira uma garrafa e um cálice dum armário.
- VELHO - À vontade? Então nós não estamos à vontade?
- FILHO - Claro, mas com este frio...
- /MI.-

- VELHO - Na tua profissão deves, com certeza, dizer muitas palavras só por dizer.
- FILHO - Ah, sim...
- VELHA - Queres dormir cá, meu filho?
- FILHO - Não, mãe. Que ideia...
- VELHA - Como já é tão tarde, podia dar-te jeito. Ainda cá tens a tua cama.
- FILHO - As mães são sempre assim. Umas piegas...
- VELHO - Em que trabalhas, filho?
- FILHO - Eu?
- VELHO - Filho meu só estou a ver um?
- FILHO - Sou agente de vendas.
- VELHO - Ah, sim? Grande vida, hem?
- FILHO - Boatos...
- VELHO - Não me digas... é o melhor emprego nos dias que correm. Comissões, subsídios de deslocação, luvas, enfim... Pelo menos é o que eu oiço dizer. Para que firma trabalhas?
- FILHO - Para que firma? Ah, para a... Smith and Smith.
- VELHO - Onde é isso?
- MI.-

FILHO - É lá para as avenidas novas. É uma firma recente, pouco conhecida, mas já com um bom lastro.

VELHO - Em que rua?

FILHO - ~~Carência!~~ O pai parece uns amigos que eu encontro no café todos os dias. É sempre perguntas atrás de perguntas.

~~VELHA - É. Há gente assim. Como é que te livras atrás de perguntas~~

VELHA - É. Há gente assim. Como é que te livras dos enfadonhos?

FILHO - Não são enfadonhos. <sup>b</sup>eitios... Olhe, quando estou mesmo bem disposto, faço uma voz grossa e respondo: consulte as páginas amarelhas.

VELHO - (Olhando o relógio discretamente) - Então, dormes cá ou não?

FILHO - Não, não. Vou dormir a casa.

VELHO - Com uma noite destas...

VELHA - Fica, está uma noite horrível.

FILHO - Eu não tenho medo às tempestades. Além disso tenho o carro à porta. É só atravessar a rua.

VELHA (para o marido) Olha lá, puseste o lixo na rua?

VELHO - Pus.

VELHA - Com certeza?

VELHO - Pus. Fica tranquila.

/MI.-

VELHA - Ontem esqueceste-te. De manhã, quando foste levá-lo, já o carro da Câmara tinha passado. Depois tivemos de aguentar o cheirete o dia inteiro.

VELHO - Cheirete?

VELHA - Cheirete, pois, cheirete. Passaste o dia no café. Não sabes o que é ter tripas de peixe o dia inteiro atrás da porta da cozinha.

VELHO - Oh, diabo! Tenho a impressão de que me tornei a esquecer.

Sai a correr

VELHA - Este teu pai está cada vez pior da cabeça. Esquecido, distraído... Enfim, a idade não perdooa.

FILHO - O pai não é tão velho como isso mãe.

VELHA - Não? Quantos anos tens?

FILHO - Faça as contas. Nasci em...

VELHA - Eu sei. Nascestes em 11 de Setembro de 1934. Neste momento tens precisamente ~~38~~ <sup>39</sup> anos, 1 mês, 12 dias e ... Bem, não vale a pena complicar mais a conta. O teu pai tinha 32 anos, quando tu nasceste. e eu 29.

FILHO - Essa rapidez aritmética é bem de quem passou a vida toda a ensinar meninos.

VELHA - O teu pai também foi professor primário toda a vida e não é capaz de fazer as contas da mercearia sem um lápis e um papel. E são contas magras, filho, que a nossa reforma não dá para folhas.

FILHO - A Mãe esta noite está com uma inspiração dramática notável. Será da unha? Será da tempestade? Ou será de qualquer outra coisa que eu ainda não descobri, qualquer coisa mais... - como é que c. hei-de dizer? - mais trágica? É verdade. ainda não me mostrou a sua unha doente...

VELHA - Nem mostro.

FILHO - Porquê?

VELHA - Está muito feio. Os meus pés são pés de velha. Os dedos estão muito deformados e o teu pai não é cirurgião. Desculpa. O meu dedo está mesmo muito feio. Não sou capaz de te mostrar.

FILHO - Espero bem que a coisa não seja grave.

VELHA - Não é grave, não. Podes estar tranquilo.

FILHO - Era o que eu pensava.

VELHA - O que tu pensavas?

FILHO - Sim.

VELHA - Que é que tu pensavas?

FILHO - Que não era grave. Uma coisa dessas na unha, por mais ligeira que seja, sempre faz as pessoas mancar um bocadinho. E a mãe não manca. Nem sequer levemente.

VELHA - É verdade, é verdade. Sou capaz de disfarçar perfeitamente. Usei salto alto, desde menina, filho. É uma forma de equilibrar o corpo e articular o pé que nem todas as mulheres conseguem com naturalidade. Sabes uma coisa? Estou a ficar surpreendida contigo. Nunca me pareceu que desses tanta atenção a pormenores tão pequenos. Foste sempre tão distraído, tão desinteressado em relação aos estudos, à nossa casa, olha, desculpa, e até em relação aos teus pais.

FILHO - É verdade. Não tenho a menor ideia de ter visto nunca a mãe de salto alto etc. Pelo contrário, o que me lembra é a mãe <sup>gostar de</sup> sentir-se bem ~~com~~ chinelas baixas e levezinhas. Mas, olhe, a mãe não é ~~nada~~ menos atenta. Nestes pouco minutos que aqui passei, já me fez mais observações de pormenor do que eu era capaz de suportar. E o pai também. Será o frio que espevita a memória das pessoas?

VELHA - Tu deves ser atento por profissão, não é verdade? As técnicas de vender devem exigir esses cuidados todos...

FILHO - Não muitos.

VELHO - (Entrando pálido, com uma raiva quase incontrollável) - Filho, tens a porta do carro toda amachucada.

/MI.-

- FILHO - Não pode ser...
- VELHO - O teu carro não é um preto que está lá em baixo?
- FILHO - Não. O meu é azul.
- VELHO - Azul? Está de facto lá em baixo um carro azul, mas não me passava pela cabeça que fosse o teu. Está cheio de homens...
- FILHO - São uns amigos que passaram a noite comigo numa casa de fados. Devem estar furiosos com a minha demo~~za~~. Mas não se incomodem. Estou a vingar-me do frete que gramei com eles. De-  
testo fado e fui obrigado a ouvi-lo toda a noite.
- VELHO - O carro é teu ou da firma?
- FILHO - O carro? É meu. Porquê?
- VELHO - Que luxo, hem?
- FILHO - Luxo?
- VELHO - Um dos teus amigos estava a telefonar. Deves ganhar bem, pa-  
ra teres um telefone no ~~carro~~ <sup>carro...</sup>
- FILHO - Não. O pai não viu bem. No meu carro não há telefone.
- VELHO - Mas so há dois carros na rua. Um preto com a porta toda  
amachucada e um azul com quatro <sup>três ou</sup> ~~ou cinco~~ indivíduos lá dentro.
- FILHO - É possível. Mas o pai, com certeza, confundiu qualquer coisa  
com um telefone.

- VELHO - Com um ascultador de telefone.
- FILHO - Ou isso. No escuro até uma simples carteira pode parecer um ascultador.
- VELHO - Ou uma bicicleta...
- FILHO - Bem, isso já é imaginação a mais.
- VELHO - Claro, claro.
- VELHA - A tua mulher ralha-te, quando chegas tarde a casa?
- FILHO - Às vezes.
- VELHA - E tu para a calares, levas-lhe uma prendinha, não?
- FILHO - Como é que adivinhou?
- VELHA - Para te ser franca, achei esquisito que não despisses o impermeável. Depois comecei a pensar que estava a ser coscovilha e procurei esquecer-me disso. Mas não fui capaz e acabei por descobrir que tens um volumezinho anormal aí no <sup>carão,</sup> ~~peito.~~ Uma carteira não pode ser. É pequena demais para se notar dessa maneira. Dei tratos e tratos à imaginação e acabei por descobrir. É um embrulhinho. Levas aí uma prenda para a minha nora. Posso ver?
- FILHO - Não mãe. Desculpe. Nem sequer é uma prenda. Tenho um furúnculo no ~~peito, é o que é.~~ Hoje esqueci-me de mudar o penso e ~~cheira mal. É por isso que não lho mostro.~~ Mas não se apoquentes. Amanhã vai ser lancetado e, pelo que diz o médico, daqui

a uma semana é caso arrumado. Nem cicatriz vai deixar.

VELHA - Quem diria... Olha, se viesses de gabardina branca e de chapéu, como nas fitas, qualquer pessoa diria que tinhas aí um rádio ou uma pistola.

VELHO - *te que ficas com cicatriz?*  
O médico garantiu-te isso? Ainda bem, filho. Uma cicatriz num corpo jovem é uma coisa feia. Não podias ir à praia à tua vontade. Se fosse em mim, não atrasava nem adiantava. Em ti era uma pena. Eu estou velho. Estou acabado. Já começo a ficar amargo. Às vezes até me apetece fazer conversas incómodas com as pessoas. Com todas as pessoas. Coitada da tua mãe... Já me tem aturado algumas.

VELHA - Não exageres.

VELHO - É verdade. A velhice dá-me para isto. Sabes do que me estou a lembrar?

FILHO - Não faço a menor ideia.

VELHO - Da tua infância, imagina. Eras o único <sup>rapaz</sup> menino da nossa rua que atirava pedras ao velhote das gravatas. Mas passemos adiante. Sabes alguma coisa dos teus irmãos?

FILHO - Não devo saber mais que o pai.

VELHO - Diz tudo o que sabes. Pode ser que me dês algum pormenor que eu não conheça.

FILHO - Não dou, concerteza.

/MI.-

- ELHO - Por favor.
- FILHO - O António deve continuar em Amesterdão, a fumar haxixe.
- VELHO - Escreveu-nos uma única carta, para nos dizer isso e argumen-  
tou que era uma atitude...
- Encara a velha
- VELHA - Diz, diz. As palavras já não me assustam.
- VELHO - ...Uma atitude política.
- FILHO - É assim, é. A juventude europeia faliu, pai. Os comunistas  
levaram uma parte e a droga ficou com o resto.
- VELHO - E dos outros? Que sabes tu dos <sup>teus</sup> outros teus irmãos?
- FILHO - O pai quer turturar-se?
- VELHO - Às vezes ajuda.
- FILHO - Eu não devia entrar nesse jogo, mas se é preciso...
- VELHO - É preciso, é, filho. Fala-nos dos teus irmãos.
- FILHO - De todos?
- VELHO - Sim. De todos.
- FILHO - Do que morreu em Angola, não, pai. É preciso esquecer isso.
- VELHO - Do que morreu na guerra colonial, também, filho.
- FILHO - Colonial?

Velho - Colonial, sim, colonial.

SILÊNCIO

Filho - Mudemos de assunto.

Velho - Têm piada... <sup>Comu sãtu sãadu</sup> ~~com 72 anos~~, digo pela primeira vez guerra colonial.

Filho - E o pai acha piada?

Velha - (enérgica) Acabou!

Velho - Querida...

Velha - Já disse que acabou!

Filho - Mãe, que é que se passa?

Velha - Sabes que horas são? Ou dormes cá, ou vais-te embora. Tenho frio. Quero deitar-me. Quero dormir.

Velho - Vai deitar-te, vai, querida. Eu arranjo-lhe a cama e ele fica esta noite em nossa casa.

Filho - Já que insistem...

Velha - Não vou para a cama sózinha. Tenho medo. Nunca tive medo. Mas esta noite tenho realmente medo.

Velho - Eu converso só um Bocadinho, mais com ele e vou logo fazer-te companhia.

Velha - Então a conversa vai continuar? De acordo. Eu fico também um pouco, mais. Filho, fala-me do teu outro irmão.

Filho - Qual?

Velha - Desse que é político. Comunista, ou lá o que é.

Filho - Desse não sei nada.

FA/

Velho - (dum salto e em voz de trovão) Sabes!

PEQUENO SILÊNCIO

Filho - Calculo que vive na clandestinidade, com um nome falso, com um em prego falso, sei lá...

Velha - (em tom autoritário) Mais!

Filho - Calculo que têm mulher e dois <sup>filhos</sup> ~~netinhos~~. Calculo. Não sei nada. Ape nas calculo.

Velho - Dois <sup>outro</sup> ~~netinhos~~ meus, não é?

PEQUENO SILÊNCIO

Velha - Dois netinhos...

Velho - Adiante. Voltei a lembrar-me da tua infância.

Velha - Se saírem ao pai, são franzinos, magritos, estudiosos, pouco faladores, teimosos, capazes de darem o sangue por um amigo.

Filho - E se saírem à mãe?

Velha - Também!

Filho - Têm graça... A mãe antigamente não pensava assim.

Velha - Ah, pelos vistos, sabes que <sup>m</sup> é a mulher...

Filho - Não, Por acaso não sei.

Velha - Sabes. Foi por ti que eu fiquei a saber também. Foi há três anos Lembra-te? Já devias ser agente de vendas.

Filho - Há três anos? Já era, já. Mas noutra firma.

Velho - Noutra firma...

Filho - Mas a mãe tinha uma ideia diferente dessa... mulher.

- Velha - Tinha. Desinquietou o meu filho. Levou-o para o clube do bairro. O meu filho fazia versos. Agora faz política. Se não fosse ela, ainda agora fazia versos, e talvez estivesse ao pé de mim. Eu e o teu pai bem precisávamos dele. Talvez estes dois velhos se gangassem menos vezes.
- Velho - Se me dão licença, agora falo eu! (pausa) Estou a lembrar-me da infância e da adolescência dos meus filhos. Tu, por exemplo, eras muito diferente do clandestino.. Eras preguiçoso. Não acabaste o sétimo ano, porque te cansavas de estudar. O outro não ficava com a luz acesa a noite inteira, porque o dinheiro sempre foi pouco nesta casa e eu levantava-me às vezes de madrugada, para lhe apagar o candeeiro.
- Filho - Estranhas comparações...
- Velho - É verdade. Paguei várias vezes as cautelas à céguinha, porque tu, quando a encontravas ~~sózinha~~, ali em baixo, encostada à parede do café, pegava-lhe o fogo à lotaria. Duña vez, até roupa e curativos no hospital eu tive de pagar.
- Velha - Tive milhares de alunos em toda a minha vida de professora. Encontrei poucas crianças como tu. Cheguei a fazer autênticos inquéritos. Lembras-te da tua brincadeira preferida, quando tinhas 8, 9, 10, 11 e até 12 anos ou mais? Arrancar os olhos às pombas do jardim.
- Velho - Uma vez disseste-me que ias meter-te no futebol. Lembras-te?
- Filho - Não.
- Velho - Pois eu estou mesmo a ver-te. Olhavas-me com o teu sorriso arrogante. Perguntei-te porquê futebol. Respondeste-me com estas palavras: dinheiro fácil e muito. Nem mais uma vírgula. Lembras-te?

- FILHO - Esqueceu-se dum pormenor, pai. Os filhos dos vizinhos, depois da escola, iam para a rua brincar.
- VELHO - É verdade. Alguns são hoje chulos. Outros são bons chefes de família. A vida tem destas coisas. Mas talvez tenhas alguma razão. Devo ter exagerado.
- FILHO - Os filhos dos vizinhos estreavam um fato por ano. Os seus estreavam um fato de três em três ou de quatro em quatro anos.
- VELHO - É verdade. Sempre deram pouco dinheiro pelo nosso trabalho.
- FILHO - Quando eu tinha 18 anos, tinha de roubar dinheiro à mãe, para ir ao cinema ou lanchar com uma rapariga.
- VELHO - Também deve ser verdade.
- FILHO - Estas sombras fazem um <sup>esta</sup> ~~bocadinho~~ de falta no retrato que o pai dá de mim.
- VELHA - O outro, o clandestino, casou com uma empregada de drogaria. Tinha colegas ricas na faculdade e não aproveitou. Como é que a vida nos faz os filhos tão diferentes?
- FILHO - A vida?
- VELHA - A vida, ou a maneira como se vive, sei lá...
- FILHO - E gostava de saber, pelos vistos...
- VELHA - Mesmo com esta idade, gostava de saber. Garanto-te que neste momento gostava mesmo muito de saber!

Pequeno silêncio.

VELHO - Passei a tarde de ontem no café, a conversar com o major Gustavo. Conheces?

FILHO - Conheço. Está reformado da G.N.R.

VELHO - Sabes o que ele me disse? Que na polícia política um agente pode lidar com um preso da sua família.

FILHO - Sim?

VELHO - Parece que sim, mas só em casos especiais. Em princípio, os chefes não deixam. Mas, se ele dá provas de lealdade absoluta, até consegue.

VELHA - Consegue? Faz isso sem ser obrigado?

VELHO - Sim, embora seja muito difícil. Normalmente é por um acto voluntário. Parece.

VELHA - E haverá voluntários, meu Deus?

VELHO - Parece que sim. Parece que já houve quem fizesse coisas dessas para ser promovido. De facto é a prova maior de lealdade e devoção à causa que é possível dar.

*Velho - O que é isso, mulher?*  
A velha desmaia. Levantam-na e reanimam-na.

O telefone toca. O filho tem um sobressalto. Hesitação geral.

FILHO - Quer que eu atenda, pai?

/MI.9 Entra numa agitação crescente que explode no fim do telefonema.

VELHO - Não. A esta hora da noite só eu ou a tua mãe é que podemos aten  
der aquele telefone. (Atendendo) Está. Quem fala?

(...)

És tu? Aconteceu alguma coisa?

(...)

Sim.

(...)

Não.

(...)

Como queres que eu adivinhe?

(...)

Deixa lá isso. Como vai o teu joelho?

(...)

Então vai dormir e não te preocupes mais. Quem for voltará a  
telefonar.

(...)

Sim. Formidável!

(...)

Boa noite.

FILHO - (levantando-se dum salto) Que tal vai o joelho da tia, hem?  
Uma doença pode servir para muita coisa, não é verdade? Espera-  
ram bastante pelo telefonema...

VELHO - É quase dia. Já pouco te adiantava deitares-te. (Furioso) Já  
não tens mais nada que fazer aqui! Rua!

VELHA - (Entre as lágrimas e o ódio) Nunca mais queremos ver-te! Se te  
der jeito seres promovido à nossa custa, aproveita! Talvez te  
façamos esse gosto! Só se não pudermos!

VELHO - Rua!

O filho sai desabridamente. Os velhos olham a porta com repugnân-  
cia e enlaçam as mãos.

VELHA - Patife!

VELHO - Os meninos estão em casa da minha irmã. A nossa nora encontrou  
um companheiro de luta. Por mero acaso.

Abraçam-se.

P A N O

